

Banda Sinfónica Portuguesa

10 Dez 2023
12:00 Sala Suggia

Coro da Academia de Música de Vilar do Paraíso
Martin André direção musical

Philip Sparke

Jubilee Overture (1983; c.6min)

Kenneth Hesketh

Diaghilev Dances (2002; c.15min)

Adam Gorg

Bohemian Reverly (2013; c.15min)

1. Polka
2. Furiant
3. Sousdeka
4. Scozna

Philip Sparke

An English Christmas (2007; c.10min)

Philip Sparke

LONDRES, 1951

Philip Sparke nasceu em Londres e estudou composição, trompete e piano no Royal College of Music, onde começou a interessar-se por bandas. Tocou numa orquestra de sopros e criou uma banda de metais entre os estudantes, tendo escrito várias obras para ambas as formações. Foi por essa altura que as suas primeiras peças foram publicadas. Seguiram-se encomendas de agrupamentos, associações e da BBC, sendo que o trabalho feito para a emissora permitiu-lhe ser distinguido pelas obras *Slipstream*, *Skyrider* e *Orient Express*.

Compôs para competições de bandas na Nova Zelândia, Suíça, Países Baixos, Austrália e Reino Unido. A ligação próxima do panorama musical japonês a este tipo de formação acabou por permitir que a música de Sparke tivesse sido gravada pela Orquestra de Sopros Kosei de Tóquio. A colaboração a Oriente abriu-lhe as portas de outros pontos do mundo, especialmente dos Estados Unidos da América, onde em 1997 foi reconhecido com o prestigiado Prémio Sudler. Seguiram-se múltiplas distinções pelo seu trabalho de compositor. Em 2020, tornou-se membro honorário da American Bandmasters Association.

O trabalho de Philip Sparke enquanto maestro levou-o à maioria dos países europeus, Escandinávia, Austrália, Nova Zelândia, Japão, Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong, Canadá e Estados Unidos. Em 2000, decidiu tornar-se compositor a tempo inteiro, fundando a sua própria editora, a Anglo Music Press, dedicada sobretudo à publicação das partituras e gravações das suas obras.

Jubilee Overture

Jubilee Overture foi encomendada para o 50.º aniversário da Banda de Metais GUS, com sede na Grã-Bretanha, e foi tocada pela primeira vez no Concerto Jubileu de Ouro em 1983, sob a direção de Keith Wilkinson. Foi transcrita para banda de sopros em 1984.

A peça começa com uma fanfarra em duas partes — um floreio de metais seguido por um reflexivo coral para os sopros. A evolução para o clímax dá-se à medida que o floreio regressa. Um vivaz *allegro* surge depois, com muitas mudanças de compasso e um robusto som das trompas e dos saxofones. Por fim, uma melodia *cantabile* emerge do meio da banda, que todos tocam então antes de regressar o *allegro*. Uma breve repetição da fanfarra de abertura precede uma coda *presto*.

An English Christmas

A celebração do Natal em Inglaterra é uma tradição relativamente recente. A rainha Vitória, no trono entre 1837 e 1901, era sobretudo de ascendência alemã e, em 1840, casou com o príncipe Alberto de Saxe-Coburgo-Gota da Saxónia, no sul da Alemanha. Este fez-se acompanhar por muitas tradições alemãs (incluindo a árvore e os cartões de Natal) e ajudou a estabelecer o que se considera agora o Natal inglês tradicional.

De modo semelhante, e embora os ingleses tenham uma longa tradição de canções de Natal, muitas das que cantamos são de origem europeia ou americana. Embora soubesse que *Silent Night* é austríaca e *Hark! The Herald Angels Sing* é alemã, fiquei surpreendido quando descobri que *Away in a Manger* e *We Three Kings* têm proveniência americana, e que *Ding Dong, Merrily on High* é francesa. Não obstante, consegui encontrar uma seleção variada de melodias inglesas para organizar este “Festival de Canções de Natal”: *Sussex Carol, In the Bleak Mid-Winter, God Rest You Merry, Gentlemen, Once in Royal David's City, I Saw Three Ships, O Come, All Ye Faithful*.

PHILIP SPARKE

Kenneth Hesketh

LIVERPOOL, 1968

Kenneth Hesketh nasceu em Liverpool e estudou no Royal College of Music (RCM) de Londres, com Edwin Roxburgh, Simon Bainbridge e Joseph Horowitz. Ainda antes de integrar a prestigiada instituição, recebeu encomendas de várias orquestras britânicas. Escreveu muita música para diferentes ocasiões, como uma partitura para a Escola Nacional de Ballet Inglesa em 1990, numa colaboração com o Royal College of Art e o RCM; uma fanfarra para a tomada de posse do príncipe de Gales enquanto presidente do RCM, em 1994; e várias canções de Natal, muitas delas interpretadas pela Filarmónica Real de Liverpool.

Entre as suas composições, destaque para *The Circling Canopy of Night*, para Simon Rattle e o Birmingham Contemporary Music Group — peça estreada em 1999, em Birmingham e em Paris, e tocada pela London Sinfonietta um ano depois. Hesketh escreveu também para a Filarmónica da BBC e compôs música de câmara para Hans Werner Henze, interpretada pelo ensemble Endymion. O seu trabalho mais recente, *Detail from the Record*, é uma encomenda do Fundo Michael Vyner destinada à London Sinfonietta. Está a trabalhar numa ópera de câmara e numa peça para o pianista Stephen Hough.

Diaghilev Dances

A ideia para *Diaghilev Dances* teve origem no meu interesse e paixão pela grandiosa música para ballet do princípio do século XX, muita dela encomendada pelo empresário russo Sergei Diaghilev (1872-1929) ou para ele composta. Entre 1909 e 1929, a companhia de Diaghilev, Ballets Russes, apoiou alguns dos compositores de destaque da época, incluindo Stravinski, Ravel, Debussy e Prokofiev. Não apenas a música, mas a dança e as artes plásticas eram

então conjugadas para produzir algumas das melhores obras do século XX, e o legado de Diaghilev influenciou grande parte do mundo do bailado após a sua morte prematura.

Na minha juventude, fiquei encantado pelos sons e cores desta música, e há muito que queria levar por diante a minha homenagem a Diaghilev e ao seu legado. A minha peça *Diaghilev Dances* pode ser considerada um ballet em miniatura, consistindo em uma introdução, três danças e três entreatos. Não existe um verdadeiro cenário, apesar de estar subentendido um grande enquadramento dramático e a forma de um bailado. O tema central, uma melodia popular muito simples, funciona como o fio condutor da obra, sendo ouvida logo no início e no fim. Por outro lado, secções do material que acompanha essa melodia são transformadas nos temas principais das outras danças.

A maior preocupação que tive foi combinar a minha personalidade musical com o rico período fim-de-século da música francesa e russa e, ao fazê-lo, oferecer uma grande vénia a uma fabulosa tradição.

KENNETH HESKETH

Adam Gorb

CARDIFF, 1958

Adam Gorb começou a compor com apenas 10 anos. Aos 15, escreveu um conjunto de peças para piano — *A Pianist's Alphabet* —, com algumas delas a serem tocadas na BBC Radio 3. Estudou Música na Universidade de Cambridge e, mais tarde, na Royal Academy of Music.

As suas obras têm sido tocadas, emitidas e gravadas por todo o mundo. Entre as mais notáveis, destaque para *Metropolis for Wind Band* (1992), vencedora de vários prémios. *Prelude, Interlude and Postlude* para piano também mereceu uma distinção, ao arrecadar o Prémio Purcell em 1995. Além de peças para bandas de sopros (como *Awayday* ou *Yiddish Dances*, compostas ainda nos anos 1990) e de metais, Gorb é autor de música para ballet (o caso de *Kol Simcha*), obras para violino, violoncelo, clarinete, saxofone, piano, quartetos de cordas e percussão. Tem também trabalho desenvolvido no domínio da ópera.

Dos projetos mais recentes fazem parte a gravação de um disco com música para piano interpretada por Clare Hammond, um ciclo de canções (*Beggars Belief*), música para saxofone da australiana Katia Beaugeais (*Long Distance Call*), e um concerto para violino, viola e ensemble de sopros, com estreia em 2022 nos Estados Unidos da América.

Adam Gorb é o responsável pela Escola de Composição do Royal Northern College of Music em Manchester. Tem um doutoramento em Composição pela Universidade de Birmingham e ensinou em universidades dos Estados Unidos, do Canadá, do Japão e de vários países europeus.

Bohemian Revelry

Bohemian Revelry é um tributo ao entusiasmo e vigor da música popular checa, mas é também uma celebração do outro significado do termo, representando a liberdade social e artística de pessoas

sem amarras ou responsabilidades, permitindo uma atmosfera festiva sempre e onde possível, conforme foi pintado de forma tão vívida e memorável no segundo ato da intemporal obra-prima de Puccini, *La Bohème*. A peça tem a duração de 15 minutos e é constituída por quatro andamentos baseados em danças checas bem conhecidas:

“Polka” — uma dança em ritmo moderado em compasso binário, mas com uma conclusão inesperadamente violenta.

“Furiant” — Muito rápida, em compasso ternário, com uma secção intermédia mais nostálgica. No fim a dança desvanece-se embarcando numa...

“Sousdeka” — Uma dança mais relaxada em 3/4 com um toque pastoral.

“Scocna” — Rápida e dinâmica em compasso binário incorporando um hino, como uma melodia proveniente de uma canção de Natal checa. Bebidas para todos no final!

Quaisquer reminiscências de um certo conjunto de danças de um compositor checo muito conhecido devem ser ouvidas como um gesto de homenagem e não como uma paródia ou plágio.

ADAM GORB

Traduções: Isabel Correia de Castro

Martin André direção musical

Martin André apresenta-se com igual à-vontade nos teatros de ópera e nas salas de concerto de todo o mundo. É cofundador e diretor do Islington Festival of Music and Art, que teve a sua primeira edição em julho de 2021. Depois de estudar violino e piano na Yehudi Menuhin School, prosseguiu os estudos musicais na Universidade de Cambridge e estreou-se profissionalmente a dirigir *Aida* na Ópera Nacional de Gales, em 1982. Em breve completará 40 anos de carreira a dirigir óperas e concertos em cerca de 30 países diferentes.

Tem um repertório de ópera vasto, mas é particularmente conhecido pelas suas interpretações de Janáček, Verdi e Mozart. É um dos raros maestros que trabalhou com todas as principais companhias de ópera britânicas, dirigindo obras como *Un ballo in maschera* (Royal Opera House), a estreia britânica de *Cornet Christoph Rilke* de Matthus e *The Makropoulos Case* (Glyndebourne Touring Opera). Dirigiu ainda obras de Lehár, Mozart, Janáček (Ópera Escocesa) e Prokofieff, além da estreia mundial de *Bakxai* de John Buller na English National Opera. A sua relação especialmente próxima com a Opera North deu origem a novas produções com música de Falla, Gounod, Janáček, Lehár, Martinů, Puccini, Rachmaninoff, Ravel e Verdi.

Em 1986, Martin André começou a dirigir óperas nos palcos internacionais, realizando a estreia norte-americana de *Da Casa dos Mortos* de Janáček com a Ópera de Vancouver. Apresentou-se pela primeira vez nos Estados Unidos da América a dirigir *Carmen* na Ópera de Seattle. Tem trabalhado regularmente em países como Áustria, Canadá, República Checa, Dinamarca, Alemanha, Países Baixos, Israel, Itália, Nova Zelândia, Portugal, África do Sul e EUA.

O seu repertório sinfónico é também extenso e variado, destacando-se particularmente as obras de Mozart, Nielsen, Chostakovitch e Tchaikovski. Tem desenvolvido relações particularmente duradouras com a Sinfónica de Limburgo (Países Baixos), a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, o Collegium Musicum Bergen (Noruega) e a Orquestra Clássica da Madeira. Trabalhou com muitas das principais orquestras britânicas e de países como Austrália, Israel, México, Países Baixos, Noruega e Portugal.

Martin André tem um interesse particular em ajudar a nova geração de músicos, especialmente maestros. Tem uma relação próxima com o Royal College of Music (Londres), onde criou um Programa de Treino de Repertório Orquestral. Em 2006, fundou a orquestra portuguesa de jovens Momentum Perpetuum, que dirigiu durante cinco anos e com a qual fez uma digressão a Itália.

Entre 2010 e 2013, foi diretor artístico do Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa. Como tal, foi diretor executivo de duas das maiores instituições musicais portuguesas: a Ópera Nacional e a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Além das funções executivas, dirigiu várias produções, entre as quais uma trilogia de *La traviata*, *Il trovatore* e *Rigoletto* para comemorar o bicentenário de Verdi, em 2013. Com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigiu a integral das sinfonias de Mozart e outras grandes obras sinfónicas e corais de Bruckner, Janáček, Sibelius, Strauss, Tchaikovski e muitos outros.

Mantém uma relação estreita com Portugal, dirigindo frequentemente orquestras no Porto e no Funchal. Toca também piano em grupos de música de câmara.

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação em 2005, no Rivoli — Teatro Municipal do Porto. Ao longo dos anos, tem vindo a apresentar-se nos palcos mais importantes do nosso país, colaborando regularmente com a Fundação Casa da Música (onde é agrupamento associado), a Portolazer, a Ágora, a Fundação de Serralves, o Coliseu do Porto e vários municípios. Destaca-se a realização de concertos na vizinha Espanha — no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria e Lleganés, além de participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces.

O seu repertório para formação sinfónica estende-se dos arranjos mais clássicos às obras originais e a muitas estreias de compositores contemporâneos como Luís Tinoco, Sérgio Azevedo, Carlos Azevedo, Luís Carvalho, António Victorino d'Almeida, Fernando Lapa, Daniel Moreira, entre muitos outros. De realçar ainda o trabalho camerístico de vários dos seus grupos e ensembles.

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, entre os quais Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Raúl da Costa, Vasco Dantas, Adriana Ferreira e vários músicos da própria orquestra. Algumas apresentações contaram ainda com a participação de coros e de grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage e European Tuba Trio.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP com enorme sucesso. Foi ainda dirigida por maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho e André Granjo. Tem recebido as melhores críticas, não só do público geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros.

Gravou diversos CD, muitos deles para a editora holandesa Molenaar. Promove masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como os Cursos de Direção (contando já 30 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Países Baixos), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha), Eugene Corporon (EUA) e Baldur Brönnimann (Suíça).

Em 2017, deu início ao Festival BSP Júnior, que se realiza anualmente no verão e reúne centenas de jovens instrumentistas. Em 2014, realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, com concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaying. Em 2017, na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, participou no 18.º Festival do World Music Contest (Kerkrade) e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles (Utrecht). Em 2019, realizou uma digressão às Canárias (Tenerife e Grã-Canária).

A BSP obteve o 1.º prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia (1.ª secção, Catalunha, 2008) e o 1.º prémio na categoria

superior (Concert Division) do World Music Contest em Kerkrade (Países Baixos, 2011) — com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso, considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural sem fins lucrativos, apoiada pela Direção-Geral das Artes. A direção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

Flauta

Herlander Sousa
Carolina Brito
Daniela Anjo
David Leão (piccolo)

Oboé

Telma Mota
Juliana Félix
Fernanda Amorim

Fagote

Pedro Rodrigues
Beatriz Rios

Clarinete

Crispim Luz
Ana Rita Petiz
Marco Sousa
Nuno Antunes
João Ramos
Rui Lopes
Tiago Batista
Sofia Rocha
Pedro Ramos
Bruno Silva
Hélder Tavares
Carina Baptista
Filipe Pereira (requinta)
Hugo Folgar (baixo)

Saxofone

José Pedro Gonçalves (alto)
Rita Pereira (alto)
Isabel Anjo (tenor)
Rui Cunha (tenor)
Marcelo Marques (barítono)

Trompa

Rui Pires
Samuel Ferreira
Nelson Silva
Hélder Vales
Nuno Silva

Trompete

Telmo Barbosa
Tiago Peixoto
Sérgio Pereira
Carlos Martinho
Bruno Miguel Rodrigues
Pedro Salgado

Trombone

Tiago Nunes
Amadeu Félix
Gonçalo Dias (baixo)

Eufónio

Nuno Costa
Luís Gomes

Tuba

Jorge Fernandes
Fábio Rodrigues

Percussão

Sandro Andrade (tímpanos)
Jorge Lima
Luís Santiago
Paulo Mota
Pedro Góis

Contrabaixo

Cláudia Carneiro

Piano

Raquel Cunha

Harpa

Érica Versace

Operação Técnica

Iluminação

Cárin Geada

Palco

André Silva
Filipe Teixeira

Som

João Rupio

Assistência de cena

Gastão Ferreira
Guilherme Santos